

Por um Espaço Especial para a Literatura na Escola

Palestra apresentada ao COLE – 2007
no Seminário FNLIJ de Literatura Infantil e Juvenil.

Anna Claudia Ramos
Luiz Antonio Aguiar

Representando a Associação dos Escritores e Ilustradores de
Literatura Infantil e Juvenil - AEILIJ

Quando pensamos na Literatura nas escolas, é necessário situar alguns pontos de princípio que nos servem aqui de referência.

Em primeiro lugar, devemos deixar claro que falamos a partir de uma posição que recusa as idéias de *desescolarização da leitura*, mas que privilegia, sim, a abertura da instituição escolar à especificidade generosa da Literatura.

Em segundo lugar, quando privilegiamos a Literatura e não genericamente a Leitura, é porque, não somente por sermos escritores mas também baseados em nossa experiência como divulgadores da leitura, compreendemos (e constatamos) que nada tão poderoso quanto a Literatura para animar as pessoas para se apropriarem do mundo da palavra. Nada como a reflexão, o prazer e entretenimento, e a fruição estética que a Literatura pode proporcionar para alargar a nossa humanidade interior. Nada como a Literatura, essa experiência de milênios de encantamento da palavra promovida (e movida) pela humanidade para nos tentar a entrar para o mundo dos heróis, das aventuras, da exposição da alma humana e da exploração do sentido de tudo que há e nos cerca. Nada como a Literatura, que ergue um defunto da tumba e o transforma em autor, e faz, de uma

boneca de pano, gente, que reforma a natureza e subverte o poder do tamanho, para nos defrontar com a multiplicidade disso que chamamos de *realidade*.

É por isso que a palavra de ordem central da AEILIJ, que nos inspira e orienta é *PELA DEMOCRATIZAÇÃO DA LITERATURA NO BRASIL*.

Em terceiro, defendemos que é importante que toda escola tenha uma biblioteca com um acervo adequado e atualizado, para que crianças e jovens incorporem em seus hábitos a ida à (ou o passeio pela) biblioteca. Mas defendemos esta biblioteca como um espaço vivo: um espaço onde a troca de leituras possa acontecer e a diversidade de olhares seja levada em conta. Uma biblioteca escolar deve atender a comunidade escolar onde está inserida e ter um mediador de leitura realmente comprometido com o livro, a leitura e a Literatura. Aliás, a biblioteca pública, nestes moldes, instalada nos bairros, comunidades e cidades, é o primeiro espaço a ser concretizado por qualquer política sincera de estímulo à leitura.

Em quarto e último lugar, é necessário apontar também que, ao lado de heróicos, idealistas, sonhadores, quixotescos, emilianos, bovarianos professores e bibliotecários, agentes de leitura de vários tipos, que em seu cotidiano, na sala de aula, nas bibliotecas e nas salas de leitura, lutam para reunir a Literatura à vida de seus alunos, temos também procedimentos arraigados na instituição escolar que ressecam a Literatura e privam seus alunos justamente do seu poder de encantamento.

Declarados esses pontos de referência, vemos que não se pode dizer que o próprio MEC não reconheça a necessidade de um espaço especial para a Literatura nas escolas. Num documento do MEC (“Orientações Curriculares para o Ensino Médio”, 2006, p.55) que trata da Literatura no Ensino Médio lemos: “Estamos entendendo por experiência literária o contato efetivo com o texto. Só assim será possível experimentar a sensação de estranhamento que a elaboração peculiar do texto literário, pelo uso incomum de linguagem, consegue produzir no leitor, o qual, por sua vez, estimulado, contribui com sua própria visão de mundo para a fruição estética. A experiência construída a partir dessa troca de significados possibilita, pois, a ampliação de horizontes, o questionamento do já

dado, o encontro da sensibilidade, a reflexão, enfim, um tipo de conhecimento diferente do científico, já que objetivamente não pode ser medido. O prazer estético é, então, compreendido aqui como conhecimento, participação, fruição. Desse modo, explica-se a razão do prazer estético mesmo diante de um texto que nos cause profunda tristeza ou horror”...

Como se verifica, uma formulação bastante avançada e em nada diferente da que a AEILIJ, desde as definições do seu I Encontro Nacional, em 2004, vem defendendo. Por que então a defasagem entre essa orientação e a realidade de grande parte da instituição escolar, que trata Literatura como um acessório das disciplinas do currículo?

Em grande parte dos estabelecimentos de ensino, predomina ainda a visão *paradidática*, a didatização da Literatura. O que se pretende nesse caso é uma *justificativa* para a introdução da Literatura na *aula*, e no caso uma justificativa sobre sua *utilidade*, como se a Literatura em si não fosse um dom, atributo e direito do ser Humano. No uso paradigmático, o leitor que se tenta formar — e que por entrave intrínseco ao método não se consegue de fato formar, ao cabo da vivência escolar — é uma criatura- leitor diferente dos seres-leitores que existem no mundo. Na verdade, uma criatura-leitor específica, que só existe nesse ambiente.

O ser-leitor que existe no mundo, o *leitor mundano*, exerce seu direito de escolha sobre qual livro vai ler, lê como uma experiência individual, subjetiva e mesmo afetiva, lê sem pressões de avaliação, sem cobranças, pode parar de ler um livro se não gostar dele. Alguns, até mesmo freqüentam eventos como feiras e salões de livros, onde têm contato com autores e discussões sobre Literatura & Vida, e principalmente com o universo da oferta de obras que há para se conhecer e desfrutar — a fartura, portanto, aguçando ainda mais seu apetite-leitor.

A criatura-leitor *didatizada* é totalmente diferente. Não tem direito de escolha, é cobrado pela leitura, e sua leitura não é pessoal, mas tem de se orientar para responder a provas etc... — é uma leitura *padronizada*, ou *gabaritada* (submetida a gabarito). Uma leitura que a priori deve entender o que se acha que há para ser entendido, nem diferente, nem menos, nem mais, naquela obra em particular e na Literatura como um todo. Não há desafios nem recriações. Não há

desvios, que são a apropriação da obra pelo leitor. Trata-se aqui de um leitor para quem a Literatura é deturpada a ponto de se transformar em algo não dessemelhante às antigas aulas de *moral* e *cívica*, ou aos famigerados *Estudos de Problemas Brasileiros*, que a ditadura das décadas de 60 a 80 impôs ao ensino em diversos níveis.

O leitor que se produz nesse modo didatizado se satisfaz com resumos – que garantem a aprovação. O outro, o leitor mundano, lê para experimentar “profunda tristeza ou horror”, através da Literatura. Ou alegria. Ou êxtase. Ou outros mundos. Ou seja o que for. É um leitor que é lançado, pela Literatura, na busca do Santo Graal, ou da, em seu íntimo, *terceira margem do rio*.

Um exemplo emblemático da redução/deturpação do modo paradidático está nos chamados *temas transversais*. Com vantagens no que se refere à integração das disciplinas curriculares, quando entretanto aplicados mecanicamente à Literatura, esses *temas* provocam uma reação em cadeia que reduz o potencial humanizador (e transcendente) da Literatura — expresso numa linhagem de ilustres autores, vindo do Machado de Assis do conto *Umas férias*, passando por Monteiro Lobato e chegando a Bartolomeu Campos de Queirós, Ziraldo, Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Lygia Bojunga e muitos outros — a seis tópicos estanques. Cada um desses tópicos reflete uma preocupação doutrinária de quem os formulou, mas o caso é que nem de longe podem expressar uma Literatura que, por sua grandeza milenar, sempre buscou a totalidade dos temas e do ser humano.

Por que *temas transversais* não podem ser *amor, amizade, medo, o que é o universo?, enigmas e mistérios, a perda, por que uma tradução para a palavra paradoxo é “admirável”?*, os desejos, ou ainda o *contra-senso* e o *tesouro expressos pela palavra “verossimilhança”*, as delícias da *invenção* e da *invencionice*, ou outros afins, tanto etéreos quanto capazes de penetrar em meandros da inteligência e do espírito (e talvez nos sentimentos e mesmo nos sonhos) de cada um? Por que devem ser — esses temas que em cadeia, em muitos casos, norteiam as adoções nas escolas, os catálogos das editoras e as compras governamentais — temas fechados, ou seja, verdadeiras perguntas

retóricas lançadas sobre a criatura-leitor-didatizado, com resposta gabaritada à rigidez do *certo* ≠ *errado*? Ou para treiná-la a responder tão somente o que se pede — e o que se espera que ela responda? Quando é que a escola, enfim, vai se abrir para o ± da Literatura?

E — importante frisar — quando falamos em Literatura, pensamos aqui em ler a obra, discuti-la, pensar sobre ela, recriá-la. E não da Literatura como *disciplina*, ou seja, o aprendizado, ou melhor, a memorização de datas, nomes, escolas literárias, estilos de época (reduzidos a listas tópicas) e tudo o mais que, a exemplo dos afluentes do Amazonas e das fórmulas matemáticas, decora-se para a prova e se esquece nem bem termina o suplício.

Não se pode formar uma criatura-leitor-didatizado esperando que ele, saiba lá como, se transforme num ser de outra natureza, num ser-leitor-mundano. Não se estão formando leitores para o mundo, nesse modo fechado, mas como se a vivência leitora se restringisse à escola. O que precisamos é que a escola abra espaço para a leitura da Literatura como ela existe no mundo e forme leitores que serão leitores em seu cotidiano, em suas vidas, no mundo! ... Algo que só entende e acolhe quem ama a Literatura. Sem precisar de justificativas práticas para isso.

Esse ser leitor pede um animador, um orientador, um *mediador*, um professor, formado para isso, ou nas próprias faculdades, ou em programas de formação continuada, como o que tivemos neste país um dia, o PROLER — que precisa ser URGENTEMENTE reativado. Claro que se necessita também de uma reformulação dos cursos de Letras, Pedagogia, Biblioteconomia e de Magistério (para incluir a formação para a leitura de Literatura)... pela reformulação do vestibular, para que este cobre menos história da Literatura (estilos, escolas de época) e mais a impressão pessoal criativa da leitura Literária (impossível de se conter numa múltipla escolha)... pela proliferação de bibliotecas públicas, de clubes de leitura nas escolas, nas comunidades... e outras iniciativas.

A discussão sobre o caráter particularíssimo da inserção da Literatura na escola é central para quem deseja na prática efetivar a ampliação do público leitor brasileiro e a democratização da Literatura. E principalmente é necessário que quem gosta de ler, quem ama a Literatura, quem defende uma Literatura

autônoma, livre de proselitismos, doutrinarismos e de didatismos, exija mudanças capazes de transformar o momento do encontro da criança e do jovem com a Literatura, na escola, como um momento também de recriação do mundo e da própria vida de cada um.